

Pedagogias freireanas e a Linguística Aplicada Crítica: um diálogo profícuo

Freirean pedagogies and Critical Applied Linguistics: a fruitful dialog

Pedagogías freireanas y lingüística crítica aplicada: un diálogo fructífero

Rosana Helena Nunes¹

 0000-0003-1800-3296

Tamara Angélica Brudna da Rosa²

 0000-0003-3359-3909

Kleber Aparecido da Silva³

 0000-0002-7815-7767

RESUMO: Este artigo estabelece um diálogo entre os estudos de Paulo Freire e a Linguística Aplicada Crítica (LAC), com o objetivo de promover uma reflexão sobre a linguagem e suas implicações sociais. A partir das obras centrais de Freire, como *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, o texto destaca a importância de uma educação linguística crítica voltada para a conscientização e a justiça social. A LAC, inspirada pela pedagogia crítica de Freire, compreende a linguagem como um espaço de poder e resistência, no qual práticas linguísticas refletem relações sociais e políticas. O artigo explora como a LAC utiliza o pensamento freireano para desconstruir hegemonias linguísticas e propor uma abordagem educacional que valoriza o empoderamento e a autonomia dos educandos. Além disso, o trabalho estabelece conexões com teóricos do Sul Global, como Pennycook (2001) e Canagarajah (1999), ampliando a discussão sobre o papel da linguagem na emancipação social. Ao final, conclui-se que o diálogo entre Freire e a LAC é fundamental para repensar as práticas educacionais e linguísticas, especialmente em contextos de desigualdade social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação crítica; Hegemonias linguísticas; Práticas de resistência.

¹ Doutora em Língua Portuguesa. Professora da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo. E-mail: rosananunes03@gmail.com :

² Doutora em Estudos de Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Professora de Língua Inglesa no IFFar Campus Santo Augusto. E-mail: tamara.rosa@iffarroupilha.edu.br

³ Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP (São José do Rio Preto), São Paulo, Brasil. Professor Associado 4 do curso Letras (Português do Brasil como Segunda Língua)/Relações Internacionais e dos cursos de Pós-Graduação em Linguística e em Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasil. É bolsista em Produtividade pelo CNPq. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article explores the connection between Paulo Freire's work and Critical Applied Linguistics (CAL), aiming to encourage reflection on language and its social implications. Drawing on Freire's key works, such as *Pedagogy of the Oppressed* and *Pedagogy of Hope*, the text emphasizes the significance of a critical linguistic education focused on conscientization and social justice. In line with Freire's critical pedagogy, CAL views language as a domain of power and resistance, where linguistic practices mirror social and political relationships. The article delves into how CAL leverages Freirean principles to dismantle linguistic hegemonies and advocate for an educational approach that prioritizes the empowerment and autonomy of learners. Furthermore, the paper establishes links with theorists from the global south, such as Pennycook (2001) and Canagarajah (1999), expanding the discourse on the role of language in social emancipation. In conclusion, the dialogue between Freire and CAL is crucial for reimagining educational and linguistic practices, particularly in settings characterized by social inequality.

KEYWORDS: Critical education; Linguistic hegemonies; Practices of resistance.

RESUMEN: Este artículo explora la conexión entre la obra de Paulo Freire y la Lingüística Crítica Aplicada (LCC), con el objetivo de fomentar la reflexión sobre el lenguaje y sus implicaciones sociales. Basado en las obras clave de Freire, como *Pedagogía del oprimido* y *Pedagogía de la esperanza*, el texto subraya la importancia de una educación lingüística crítica centrada en la concienciación y la justicia social. En consonancia con la pedagogía crítica de Freire, la LAC considera el lenguaje como un ámbito de poder y resistencia, en el que las prácticas lingüísticas reflejan las relaciones sociales y políticas. El artículo profundiza en cómo la LAC aprovecha los principios freireanos para dismantelar las hegemonías lingüísticas y abogar por un enfoque educativo que priorice el empoderamiento y la autonomía de los alumnos. Además, el artículo establece vínculos con teóricos del sur global, como Pennycook (2001) y Canagarajah (1999), ampliando el discurso sobre el papel del lenguaje en la emancipación social. En conclusión, el diálogo entre Freire y ALC es crucial para reimaginar las prácticas educativas y lingüísticas, especialmente en entornos caracterizados por la desigualdad social.

PALABRAS CLAVE: Educación crítica; Hegemonías lingüísticas; Prácticas de resistencia.

Introdução

O objetivo deste artigo é o de estabelecer um diálogo profícuo entre os estudos de Paulo Freire (1987, 1992, 1997) em relação à Linguística Aplicada Crítica como propósito de uma reflexão sobre os estudos da linguagem. A proposta é destacar o pensamento freireano e a contribuição do legado do filósofo da educação brasileira para uma educação linguística crítica que busque promover consciência crítica e o direito linguístico para cidadania e justiça social.

No que se refere à obra *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (Freire, 1992), a intenção é de realizar uma “releitura” de *Pedagogia do Oprimido* ao considerar a importância de uma pedagogia que se faça

“viva” na essência da humanização. Escrita em 1992, essa obra faz uma reflexão sobre pedagogia do oprimido. Obra publicada em 1968, durante seu exílio no Chile.

Nesse diálogo, Freire analisa suas experiências pedagógicas em quase três décadas.

Nessa reflexão, o educador percebe a importância fundamental do diálogo entre dois momentos diferentes e, ao mesmo tempo, semelhantes para se pensar uma pedagogia do oprimido na esperança de que a reflexão seja possível, a mudança seja algo primordial como um “reencontro” com estudos já afirmados e (re)afirmados no bojo das discussões sobre uma educação humanizadora como prática de liberdade. E, ao afirmar-se como educador, Freire (1992, p. 9) preconiza que essa libertação se relaciona à esperança de mudança para o povo.

Nesse sentido, em *Pedagogia do Oprimido*, desvelam-se as contradições de um estudo que se fundamentou na década de 60, publicado no exterior em 1967 e, no Brasil, em 1972. A obra trouxe à tona as discussões referentes à condição daqueles que, oprimidos na sua própria história de vida, sentem-se “arrebataados” por um opressor que os leva a distanciar-se de sua própria realidade.

Como já salientado, na obra *A importância do ato de ler*, publicada em 1981, o filósofo da educação traz à baila a temática da leitura — a iniciar da discussão sobre a importância e a compreensão crítica da alfabetização e do papel da biblioteca popular —, na tentativa de apresentar a experiência de alfabetização e de educação política à compreensão crítica da alfabetização. Para Freire (1994), a alfabetização representa o primeiro contato para uma educação que se relaciona não somente à palavra, mas sim ao contato com o mundo por meio da palavra, ou seja, à noção de que *a leitura do mundo precede a leitura da palavra*.

Em *Pedagogia da Esperança*, no diálogo entre dois momentos diferentes, mas complementares, da reflexão sobre a opressão, Freire destaca o direito à liberdade de “sobrevivência humana”, privilegiando a “esperança” como uma necessidade ontológica. Segundo Freire (1992, p. 10-11), esta torna-se uma concretude histórica a partir da prática.

Para o educador, a humanização corresponde ao direito de “ir e vir”, ao direito do ser “em devir” e esse direito lhe confere sua cidadania, ou seja, direitos

preservados de sobrevivência, saúde e educação. Considera-se fundamental, nessa discussão, o fato de as escolas ainda operarem dentro de relações sociais mais amplas, e isso pode contribuir com a manutenção do *status quo*, atitudes de resistência e possíveis desigualdades sociais.

E de que modo a linguagem entra nessa discussão quando se considera o ser político, na tentativa de sua própria humanização como condição de não opressão e sim libertação? Se a sociedade brasileira é fruto de uma cultura colonialista e escravocrata, a quem interessa a transformação social em relação à emancipação humana?

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1997) convida-nos a refletir acerca da prática pedagógica do professor no que concerne à autonomia do ser e do saber do educando. Esse convite reporta-se à formação docente, às condições de trabalho e, acima de tudo, à tarefa de ensinar, tarefa essa alicerçada em saberes necessários à prática educativa e crítica, fundamentada em ética pedagógica e visão de mundo. Essa prática remete à rigorosidade metodológica, pesquisa, criticidade, risco, humildade, bom senso, tolerância, alegria, generosidade, disponibilidade, regadas à esperança.

Freire (1997, p. 15) insiste na formação do professor ao dizer que “[...] formar é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas [...]”. Nessa diretriz, cumpre lembrar o fundamento básico da prática educativa, que é o de creditar ao educador a possibilidade de fazer o educando acreditar que a transformação possa acontecer durante o processo de aprendizagem, ou seja, *não há docência sem discência*, e a tarefa de ensinar requer rigor metodológico com respeito aos saberes dos educandos.

Nessa dinâmica do ato de ensinar, o comprometimento do educador significa aceitar que correr risco compreende o processo de aprendizagem em busca de aceitação do novo e rejeição a diversas formas de discriminação. Reconhece-se, pois, que ainda existem determinadas práticas opressoras no contexto escolar, quando no contato com a diversidade cultural e linguística.

Freire (1997) procura elucidar que *o ensino não é transferir conhecimento* e sim ensinar corresponde a alguns ingredientes fundamentais, dentre eles:

consciência, reconhecimento, respeito à autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos, apreensão à realidade, alegria e esperança, mudança e curiosidade.

O estudioso destaca que ensinar exige segurança, competência profissional e, acima de tudo, generosidade, em outras palavras, *ensinar é uma especificidade humana*. E, ainda, assevera a imprescindibilidade de condições de uma prática educativa que mobilize as transformações decorrentes do ato de ensinar como uma postura ética e, ao mesmo tempo, epistemológica e ontológica do educador em relação ao educando. Para tanto, o diálogo torna-se a mola propulsora que leva o educador a interagir com o educando com amorosidade e respeito.

A partir dos conceitos abordados, podemos nos perguntar: como a pedagogia de Paulo Freire influencia a educação contemporânea? Além disso, de que forma a Linguística Aplicada Crítica (LAC) desafia as hegemonias linguísticas? Estas questões correspondem à base deste artigo, e as perguntas propostas apresentam-se como possibilidades de uma diálogo profícuo da LAC aos estudos freireanos. Essas questões correspondem às reflexões que buscamos elucidar ao longo do artigo, na tentativa de respondermos a essas reflexões na parte que se refere à análise.

LAC e pedagogia freiriana: diálogos possíveis

Com base nessas considerações em relação ao pensamento freireano, considerar as diferentes praxeologias, entendidas como uma conexão entre as epistemologias e práticas educativas (Pessoa; Silva; Freitas, 2021), implica estabelecer um diálogo profícuo com os estudos de Freire direcionados a uma educação linguística crítica. Nesse contexto, a práxis é entendida como um conjunto de práticas, que não só levam à transformação da realidade e mas à produção da história. A LAC aborda a pedagogia freiriana como um alicerce teórico e prático, promovendo uma visão emancipatória da linguagem e da educação. Inspirada pelos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, a LAC entende a linguagem como

um espaço de poder e resistência, no qual as práticas linguísticas são influenciadas por relações sociais, políticas e ideológicas.

Freire (1987, 1992, 1994, 1997) argumenta que o processo educacional deve ser dialógico, participativo e centrado no sujeito, com o objetivo de capacitar os aprendizes a questionar e transformar suas realidades por meio da linguagem. A LAC, nesse sentido, incorpora essa visão ao propor que o ensino e a pesquisa da linguagem devem ser críticos, engajados politicamente e voltados para a justiça social. A pedagogia freiriana desafia a visão bancária da educação, onde o conhecimento é passivamente transmitido, e propõe, em seu lugar, uma abordagem dialógica e colaborativa em que os aprendizes e educadores constroem juntos o conhecimento, questionando as estruturas de opressão que permeiam o processo educativo. Essa perspectiva é crucial para a LAC, que busca desconstruir as hegemonias linguísticas e promover uma compreensão crítica dos discursos que moldam as experiências humanas, especialmente em contextos de desigualdade social, cultural e linguística. Assim, a LAC utiliza a pedagogia freiriana para fundamentar sua proposta de que o estudo da linguagem deve ser um processo de empoderamento, conscientização e transformação social, alinhando-se diretamente aos princípios de autonomia e diálogo crítico propostos por Freire.

Além disso, exemplificar o conceito de Linguística Aplicada Crítica (LAC), é essencial correlacionar as ideias de Paulo Freire com os principais teóricos do sul global, como Alastair Pennycook (2001), Suresh Canagarajah (1999) e Adriana Bolívar (2002). O enfoque da LAC, assim como a pedagogia freireana, vai além da simples descrição de fenômenos linguísticos, buscando ativamente desconstruir as estruturas de poder que perpetuam opressões sociais.

No diálogo freireano, a humanização através da educação crítica é central. A LAC, em sua essência, conecta essa humanização ao conceito de empoderamento linguístico. Pennycook (2001) argumenta que a linguagem é um meio de ação social, e as práticas linguísticas refletem e reproduzem desigualdades de poder. Essa ideia é semelhante à concepção de Freire de que a educação, quando crítica, desafia a "cultura do silêncio", permitindo que os oprimidos reconheçam e confrontem sua realidade opressora.

Outro ponto relevante é a articulação de Suresh Canagarajah (1999), que propõe uma pedagogia de resistência em contextos pós-coloniais, onde o inglês, como língua hegemônica, pode ser subvertido e apropriado pelos falantes como uma forma de agência. Isso ressoa com a visão freireana de que a educação não deve ser uma simples transmissão de conhecimento, mas uma prática de liberdade que permite aos educandos serem sujeitos de sua própria história.

Adriana Bolívar (2002), ao analisar as representações discursivas nas interações sociais, enfatiza que o poder é negociado através da linguagem. Assim, a LAC se alinha à pedagogia freireana ao enxergar a linguagem como um campo de luta, onde o processo de conscientização crítica é fundamental para a transformação social.

Freire e a LAC convergem na busca pela emancipação social, e essa articulação entre práticas pedagógicas e estudos linguísticos críticos do Sul Global destaca a importância da práxis transformadora. A seguir, apresentamos um quadro com outros conceitos correlatos, que, embora não tenham sido abordados, também dialogam com essas ideias centrais.

Tabela 1 – Conceitos inter-relacionados à temática

Conceito	Autor	Descrição
Conscientização crítica	Paulo Freire	Processo pelo qual os oprimidos reconhecem sua condição e lutam pela libertação.
Linguagem e poder	Kleber Aparecido da Silva	Estudo das relações de poder que permeiam as práticas linguísticas e como elas influenciam a exclusão ou inclusão social.
Práxis linguística	Kleber Aparecido da Silva	A ação reflexiva sobre o uso da linguagem no cotidiano, visando à transformação social.
Translinguagem	Ofelia García	A prática de alternância de línguas pelos falantes em contextos bilíngues/multilíngues como forma de agência.
Educação linguística crítica	Kleber Aparecido da Silva	Discussão sobre a importância de uma educação que integre a análise crítica das práticas linguísticas na formação cidadã.

Fonte: elaborado pelos próprios autores (2024).

Esses conceitos reforçam a necessidade de se reavaliar as práticas educativas e linguísticas, especialmente considerando que a linguagem é um campo de luta para a justiça social. Para tanto, assim como Freire propõe uma educação voltada para a conscientização e transformação social, a LAC opera na desconstrução das práticas linguísticas que sustentam as opressões.

Desse modo, ratificamos as ideias de Silva (2020, p. 78), que argumenta: "[...] as práticas linguísticas não são neutras; elas operam dentro de estruturas de poder que podem incluir ou excluir, emancipar ou oprimir". De maneira complementar, Bolívar (2002, p. 22) destaca que "[...] as interações discursivas são arenas onde o poder é constantemente negociado e reproduzido, refletindo as dinâmicas sociais subjacentes." Adicionalmente, Pennycook (2001, p. 15) observa que "[...] a linguagem não é apenas um reflexo das estruturas sociais, mas também uma ferramenta que pode ser usada para desafiar e mudar essas estruturas." Por fim, como nos lembra Freire (1997, p. 34), "[...] a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo".

Os princípios da LAC se fundamentam em uma abordagem que considera a linguagem como uma prática social profundamente entrelaçada com questões de poder, ideologia e justiça social. Um dos princípios centrais é a compreensão da linguagem como um fenômeno que não é neutro, mas que reflete e perpetua desigualdades sociais, culturais e políticas. A LAC questiona e problematiza as estruturas hegemônicas que moldam o uso da linguagem, desafiando normas estabelecidas e práticas discursivas que reforçam a opressão. Outro princípio importante é o compromisso com a transformação social por meio da conscientização crítica, um aspecto fortemente influenciado pela pedagogia freiriana. A LAC propõe que a pesquisa e o ensino da linguagem devem ir além da descrição técnica e se engajar ativamente na crítica das condições sociopolíticas em que as práticas linguísticas ocorrem.

O diálogo e a participação colaborativa são também princípios fundamentais, reconhecendo a importância da escuta mútua e da co-construção de conhecimento entre educadores e aprendizes. Além disso, a LAC privilegia a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos de áreas como sociologia, filosofia, e estudos culturais

para abordar questões linguísticas em contextos mais amplos. Finalmente, a LAC valoriza a agência dos sujeitos, buscando empoderar indivíduos e comunidades para que possam usar a linguagem como uma ferramenta de resistência e mudança social.

Metodologia

A metodologia adotada neste artigo é de natureza qualitativa, com base em uma revisão bibliográfica das principais obras de Paulo Freire e de autores do campo da Linguística Aplicada Crítica (LAC). O estudo analisa textos fundadores, como *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, estabelecendo conexões com teorias contemporâneas de estudiosos do Sul Global, como Pennycook (2001) e Canagarajah (1999). A análise crítica dos textos visa identificar como a LAC se apropria dos conceitos freireanos para promover uma educação linguística crítica e emancipatória.

Além disso, o artigo utiliza uma abordagem interpretativa para examinar a intersecção entre a pedagogia freiriana e os princípios da LAC. A pesquisa foi conduzida a partir da análise de discursos presentes nas obras referenciadas, focando na compreensão das práticas educativas que valorizam a autonomia e a conscientização dos educandos. A metodologia busca evidenciar como a linguagem opera como uma ferramenta de resistência e transformação social em contextos de desigualdade, explorando as implicações teóricas para a prática pedagógica contemporânea.

Análise

Nesta seção do artigo, buscamos responder às questões levantadas na introdução para melhor ressaltar a importância de um diálogo profícuo entre o pensamento freireano e a Linguística Aplicada Crítica. Nesse sentido, acreditamos que as práticas educativas inspiradas por Freire priorizam o respeito à cultura e à

identidade dos alunos, promovendo uma educação inclusiva e multicultural. Em um contexto marcado pela globalização e pela diversidade, as ideias freirianas são particularmente relevantes para combater as desigualdades educacionais e promover uma educação que seja ao mesmo tempo democrática e libertadora. Ao enfatizar o diálogo crítico e a ação transformadora, a pedagogia de Freire continua a moldar currículos e práticas pedagógicas que visam formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de agir sobre as suas realidades para promover a justiça social.

Podemos, então, afirmar que a pedagogia de Paulo Freire exerce uma influência significativa na educação contemporânea ao promover uma abordagem crítica, dialógica e emancipatória do processo de ensino/aprendizagem. Freire (1987, 1992, 1994, 1997) defende que a educação deve ser um ato político, e não neutro, em que o objetivo é conscientizar os aprendizes sobre sua realidade social para que possam transformá-la. Sua crítica à "educação bancária", na qual o professor deposita conhecimento nos alunos de maneira passiva, impulsionou práticas educacionais que enfatizam o diálogo, a participação ativa e a co-construção do conhecimento. No contexto contemporâneo, esses princípios têm sido aplicados em várias áreas da educação, como a educação de adultos, movimentos de alfabetização, pedagogia crítica e o ensino em comunidades marginalizadas, onde se busca empoderar os aprendizes para questionar as injustiças sociais e políticas.

A LAC desafia as hegemonias linguísticas ao questionar as estruturas de poder e as ideologias que sustentam o uso da linguagem em diferentes contextos sociais. A LAC parte do princípio de que a linguagem não é um instrumento neutro de comunicação, mas um espaço onde se manifestam e se instauram desigualdades sociais, culturais e políticas. Um dos principais modos pelos quais a LAC desafia essas hegemonias é ao desconstruir as normas linguísticas impostas por grupos dominantes, que muitas vezes marginalizam ou estigmatizam as formas de fala e os dialetos de comunidades menos favorecidas.

Além disso, a LAC investiga como políticas linguísticas, práticas educativas e discursos públicos reforçam a desigualdade ao privilegiar certas línguas ou variedades linguísticas em detrimento de outras. Ao trazer à tona essas questões, a

LAC busca capacitar os falantes de línguas minoritárias ou marginalizadas, promovendo a resistência contra a imposição de normas linguísticas e questionando as ideologias de monolinguismo e homogeneidade linguística que frequentemente sustentam o *status quo*. Em outras palavras, a LAC não apenas desafia as hegemonias linguísticas, mas também propõe uma abordagem transformadora que valoriza a diversidade linguística e promove a justiça social. Dessa forma, sugerimos 30 exemplos da correlação da LAC e da teoria freireana:

1. A LAC reflete preocupações sociais e políticas no ensino.
2. Freire associa a pedagogia crítica à transformação da realidade opressora.
3. A LAC busca dismantelar as hierarquias linguísticas que mantêm desigualdades.
4. Pennycook propõe a linguagem como ação social, em consonância com Freire.
5. Canagarajah sugere uma pedagogia de resistência frente à hegemonia do inglês.
6. A leitura crítica do mundo precede a leitura da palavra, segundo Freire.
7. A LAC visa desafiar a ordem estabelecida, similar à pedagogia libertadora.
8. A apropriação do inglês é uma forma de subverter o poder linguístico.
9. Bolívar destaca o poder negociado nas interações discursivas.
10. Freire acredita que a conscientização permite a transformação social.
11. A pedagogia de resistência de Canagarajah se alinha à educação freireana.
12. Pennycook afirma que a linguagem é central na luta pela justiça social.
13. Freire entende a educação como prática de liberdade, não transmissão.
14. A LAC foca no empoderamento através da desconstrução da linguagem.
15. A cultura do silêncio é quebrada quando o oprimido confronta a opressão.
16. Freire e Pennycook concordam que a linguagem reflete relações de poder.
17. A leitura crítica da realidade é fundamental na emancipação do sujeito.
18. Bolívar vê a linguagem como uma arena de disputa e resistência.
19. A LAC opera em contextos sociais onde a desigualdade é manifesta.
20. Freire propõe uma prática pedagógica que estimule a reflexão crítica.

21. Canagarajah sugere que o inglês pode ser usado para resistir ao colonialismo.
22. A pedagogia de Freire valoriza o diálogo entre educador e educando.
23. Pennycook propõe uma abordagem crítica ao ensino de línguas.
24. A educação crítica, para Freire, busca romper com o status quo.
25. A LAC propõe uma análise da linguagem que revele estruturas opressivas.
26. Freire destaca que o ensino deve estar fundamentado na ética e na prática.
27. Canagarajah propõe a resignificação do inglês em contextos pós-coloniais.
28. Freire vê o processo de ensino como fundamental para a transformação social.
29. A LAC enxerga a linguagem como meio de empoderamento e justiça.
30. Freire e os teóricos do Sul Global defendem uma educação crítica e libertadora.

Esses tópicos exemplificam a integração das teorias freireanas com os estudos da LAC no Sul Global. Além disso, a LAC valoriza a análise da linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um instrumento de opressão e resistência nas relações sociais. Conforme Freire, teóricos da LAC enxergam a língua(gem) como um veículo que reflete e perpetua estruturas de poder, e seu estudo é essencial para dismantelar essas hierarquias. O filósofo da educação brasileira também enfatiza a importância do diálogo, que se torna princípio norteador de uma educação linguística crítica, que busca desafiar as estruturas que marginalizam as vozes oprimidas e dar espaço para que elas se tornem agentes de transformação.

Sob essa perspectiva, a pedagogia freireana inspira práticas educacionais que promovem a conscientização, incentivando o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade social. Da mesma forma, a LAC privilegia desvelar os mecanismos de poder presentes na linguagem, propondo que os educandos, ao compreenderem esses mecanismos, possam subverter as dinâmicas de opressão. Com efeito, o pensamento freireano propicia uma educação para a liberdade, o que está diretamente relacionado ao empoderamento linguístico proposto pela LAC.

A LAC, assim como Freire, não vê a linguagem apenas como um meio neutro de comunicação, mas como uma prática social que carrega em si as marcas das relações de poder. Ao entender como essas relações se manifestam no uso da língua, os educandos podem resistir às formas de opressão que enfrentam. Para além, Freire e os teóricos do Sul Global acreditam que a transformação educacional deve incluir o reconhecimento e a valorização das identidades linguísticas dos sujeitos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Ainda, conforme Silva (2024):

Mas afinal o que é Linguística? Aliás, o que é “fazer Linguística”? O que faz um cientista da língua(gem)? Enquanto muitos se preocupam em “ser” cientista, eu tenho me preocupado em “fazer” ciência. Em outras palavras, “fazer linguística” é, para mim, contribuir de forma efetiva com a circulação do conhecimento (re)construído em nossas universidades com uma linguagem que a sociedade, de uma maneira geral, possa nos compreender. Não se faz ciência sem sociedade e sem estabelecer diálogos com ela. Contudo, por várias décadas, e ainda hoje, há pesquisadores/as filiados/as a campos específicos da Linguística brasileira que tem como objetivo principal apresentar, discutir e problematizar questões de língua(gem), a partir de epistemologias e ontologias que muitas pessoas da sociedade não compreendem, e que refletem, a meu ver, um fazer/pensar/agir do Norte Global [...] o que eu defendo neste artigo é a visibilização e a (re)construção de teorizações e agires decoloniais que sejam (re)construídos a partir de diálogos e debates, sob o viés de perspectivas contemporâneas, plurais e críticas; trazendo assim também as vozes subalternizadas e/ou periféricas, conforme já pontuava Spivak (1985). E para aqueles colegas que dizem que o que eu faço e/ou desenvolvo neste locus de ensino, pesquisa, extensão, inovação e internacionalização não é Linguística, eu indago: e é o que então? Paulo Freire já afirmava que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. E por eu ser Freireano, Fanoniano e Bortoniano-Ricardo, alicerçado nos preceitos teórico-praxiológicos de Conceição Evaristo, concebo a Linguística como um campo de investigação trans/multidisciplinar, transgressivo, híbrido e mestiço, que pode refletir as vivências e as escrevivências de comunidades subalternizadas e/ou marginalizadas.

Em suma, tanto Freire quanto a LAC defendem uma abordagem crítica da educação e da linguagem, em que a conscientização e o diálogo desempenham papéis centrais na emancipação dos oprimidos. Ambos acreditam que somente por meio do reconhecimento das desigualdades sociais presentes na sociedade e na linguagem é possível promover uma verdadeira transformação social e educativa.

Considerações finais

Em últimas palavras, o diálogo entre as pedagogias freireanas e a LAC revela-se fundamental para o desenvolvimento de uma educação que busca emancipar os oprimidos através da conscientização crítica. Tanto Freire quanto os teóricos do Sul Global apontam para a importância de uma prática educacional e linguística que vá além da simples transmissão de conhecimento, propondo uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que permeiam a sociedade e a linguagem. Ao promover essa conscientização, educadores e educandos tornam-se agentes de transformação, capazes de desafiar e modificar as realidades opressoras que enfrentam.

A educação linguística crítica, fundamentada na *práxis social*, propõe que o processo de ensino/aprendizagem seja uma prática de liberdade, em que a humanização e o respeito às identidades linguísticas ocupam lugar central. Através do diálogo, Freire (1987, 1992, 1994, 1997) propõe uma pedagogia viva, que considera as realidades socioculturais dos educandos e incentiva o questionamento das estruturas sociais injustas. Nesse sentido, a LAC oferece ferramentas para que as práticas linguísticas sejam desveladas e compreendidas em seus contextos de opressão e resistência, permitindo que os sujeitos subvertam essas dinâmicas.

Além disso, a LAC, ao se alinhar com os princípios freireanos, amplia o escopo da educação para incluir a luta pela justiça social por meio da desconstrução das hierarquias linguísticas. Os teóricos como Pennycook (2001), Canagarajah (1999) e Bolívar (2002) contribuem com essa perspectiva ao destacar como a linguagem opera como um meio de ação social, onde o poder é negociado e, muitas vezes, contestado. Assim, o compromisso com a justiça linguística e social torna-se um aspecto central tanto na LAC quanto na pedagogia freireana.

Por fim, ao explorar as intersecções entre Freire e a LAC, este trabalho evidencia a necessidade urgente de se repensar as práticas educacionais e linguísticas, especialmente em contextos de desigualdade social. A transformação social e educacional, conforme defendem Freire e os estudiosos da LAC, só será possível quando houver uma conscientização crítica que permita aos sujeitos reconhecerem sua realidade opressora e, a partir disso, atuarem para sua própria

libertação.

Referências

BOLÍVAR, A. *El poder en la lengua y en el discurso*. 2. ed. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2002.

CANAGARAJAH, S. *Resisting linguistic imperialism in english teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PENNYCOOK, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

PESSOA, R. R.; SILVA, A.; FREITAS, C. C. (org.). *Praxiologias do Brasil Central: sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Palavra, 2021. Disponível em: <https://br1lib.org/book/16990250/3c2a74>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, K. A. *Linguagem e poder: estudos críticos da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

SILVA, K. A. O que você faz não é Linguística!. É o que então?. *UnB Notícias*, Brasília, DF, 24 set. 2024. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/7558-o-que-voce-faz-nao-e-linguistica-e-o-que-entao>. Acesso em: 25 set. 2024.

Recebido em: 25 set. 2024.

Aprovado em: 28 out. 2024.

Revisora de língua portuguesa: Beatriz Grenci

Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Beatriz Grenci

